

**DA SEMÂNTICA ESTRUTURAL À
FIGURATIVIDADE: UM PERCURSO TEÓRICO-
EPISTEMOLÓGICO**

**FROM STRUCTURAL SEMANTICS TO
FIGURATIVITY: A THEORETICAL-
EPISTEMOLOGICAL JOURNEY**

**DE LA SEMÁNTICA ESTRUTURAL A LA
FIGURATIVIDAD: UN CAMINO TEÓRICO-
EPISTEMOLÓGICO**

Nataniel dos Santos Gomes¹

Adriano Braga Bressan²

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: nataniel@uems.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6180920530799182>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3911-1552>.

² Doutorando em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: adrianobressan@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1596429793425330>; orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2701-4723>.

RESUMO

Este texto visa a descrever as influências da obra *Semântica Estrutural* (1973) de A.J. Greimas, no que diz respeito ao corpus, texto e isotopia, que recaem sobre a figuratividade postulada por Denis Bertrand na obra *Caminhos da semiótica literária* (2003). Para isso, necessitamos compreender como as teorias advindas dos estudos linguísticos propostos por Ferdinand de Saussure no *Curso de Linguística Geral* (2012), por Louis Hjelmslev em *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* (1975) e por A.J. Greimas em *Semântica Estrutural* (1973) foram canalizados a compor a figurativização e todo seu repertório.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica. Semiótica. significação. Figurativização. Isotopia.

ABSTRACT

This text aims to describe the influences of the text *Structural Semantics* (1973) by A.J. Greimas, mainly about corpus, text and isotopy, which falls on the figurativity postulated by Denis Bertrand in the work *Paths of literary semiotics* (2003). Thereunto, we need to understand how the theories arising from linguistic studies proposed by Ferdinand de Saussure in the *Cours de linguistique générale* (2012), by Louis Hjelmslev in *Prolegomena to a theory of language* (1975) and by A.J. Greimas in *Structural Semantics* (1973) were channeled to compose the figurativization and its entire repertoire.

KEYWORDS: Semantics. Semiotics. significance. Figurativization. Isotopy.

RESUME

Este texto pretende describir las influencias de la obra de A.J. Greimas, **Semántica Estructural** (1973), en relación con el corpus, el texto y la isotopía, que inciden en la figuratividad postulada por Denis Bertrand en **Caminos de la Semiótica Literaria** (2003). Para ello, es necesario comprender cómo las teorías derivadas de los estudios lingüísticos propuestas por Ferdinand de Saussure en **Curso de Lingüística General** (2012), por Louis Hjelmslev en **Prolegómenos para una Teoría del Lenguaje** (1975), y por A.J. Greimas en **Semántica Estructural** (1973) se canalizaron para componer la figurativización y todo su repertorio.

PALAVRAS-CLAVE: Semántica, Semiótica, Significación, Figurativización, Isotopía.

INTRODUÇÃO

Obra de caráter complexo nos estudos semânticos e semióticos, *Semântica Estrutural (SE)* (Greimas, 1973) é a contribuição científica acerca da significação. Ao debruçar-se sobre este problema, o autor busca, ainda que de maneira reflexiva e demasiado descritiva, posicionar a Semântica em seu devido lugar nos estudos de língua e linguagem. Porém, embora a *SE* relacione três categorias descritivas (corpus, texto e gênero), sua complexidade ao conceituar, por exemplo, o sema, semema e clasema, fazem com que o campo da significação seja mais bem compreendido ao analisarmos seu percurso, em que desemboca nos estudos semióticos e, por fim, ao se aliar ao campo da figuratividade, em nosso caso compreendido na obra *Caminhos da Semiótica Literária* (Bertrand, 2003). Percebemos que a *SE* assume o caráter de posicionar a semântica como uma ciência paralela à linguística, mas com métodos e unidades constitutivas próprias.

No percurso que será apontado neste texto, inicialmente indicaremos que a *SE* não se tornou uma obra acabada. Os estudos da significação em *SE* configuraram o espaço para a Semântica que, posteriormente, fez da Semiótica a abordagem mais pertinente, que por sua vez é caracterizada como em construção por alguns descendentes teóricos de Greimas. Nota-se que houve grande dificuldade em propor os métodos empregados na *SE*, que foi considerada de alguma maneira como uma “ciência que procura a si mesma.” (Greimas, 1973, p. 13). Ao mencionar Bloomfield e Jakobson, destaca o comportamento destes autores ao pensar que a semântica era uma ciência que não possuía sentido algum, o que causava estranheza e passou a gerar uma espécie de paradoxo no desenrolar dos estudos do autor lituano, que pontuou estes comportamentos da seguinte forma:

Entretanto, como observa corretamente Jakobson falando dos que dizem “que as questões de sentido não têm nenhum sentido para eles”, quando dizem “sem sentido”, das duas uma: ou sabem o que querem dizer, e por isso mesmo a questão de sentido ganha sentido, ou não o sabem, e então sua fórmula já não tem absolutamente sentido algum (*Essais* – pp. 38-9). (Greimas, 1973, p. 13).

Este conflito apontado como desconfortável pelo próprio autor o coloca justamente na posição que já mencionamos neste início de texto: a de refletir acerca do estudo científico da significação e, posteriormente, de descrever os métodos que seriam compatíveis com esta nova ciência.

Por sua vez, Denis Bertrand, ao desenvolver estudos sobre a figuratividade em meados dos anos 2000, apesar da distância cronológica, se aproveita daquilo que foi lançado por Greimas antes mesmo de sua teoria semiótica estar completa. Em sua apresentação, o autor

compara os estudos semióticos com os da figuratividade e pontua em bases sólidas suas diferenças e semelhanças.

Em semiótica, os conceitos construídos para a descrição foram muitas vezes tomados a outras disciplinas. Foram aclimatados em seu novo domínio, do qual receberam uma definição específica, cuidadosamente localizada e precisamente interdefinida no interior da teoria global. [...] É também o caso da isotopia, conceito emprestado à física (em que define “elementos que possuem um mesmo número de prótons, mas diferentes massas atômicas”), e que designa em semiótica discursiva a permanência de um sentido ao longo da cadeia do discurso. É igualmente o caso da figuratividade. (Bertrand, 2003, p. 154)

Assim, ao apontarmos a ideia de contiguidade entre a semiótica e a figuratividade, podemos dizer que “fala-se, então, em pensamento figurativo”, em “raciocínio figurativo”, e evoca-se a “profundidade” do figurativo, embora este se situe na superfície das estruturas discursivas, dentro do percurso gerativo da semiótica.” (Bertrand, p. 155). Cabe a nós adentrarmos os caminhos da significação para depois compreendermos a definição evolutiva em que a figuratividade tem seu fim.

SEMÂNTICA ESTRUTURAL: AS INFLUÊNCIAS DE FERDINAND DE SAUSSURE

Para que iniciemos com o percurso proposto, devemos iniciar com o item da obra de Greimas *A primeira escolha epistemológica*, parte em que o autor busca criar bases sólidas para os procedimentos de sua teoria. Greimas, em termos que parecem gerais, indica uma onipresença da significação. Ou seja, a significação, que ocupa um espaço infundável na busca pelo sentido corriqueiro das coisas, agora deveria constar em um fazer científico, e para isso alguns pressupostos epistemológicos deveriam surgir.

Notamos que as noções de estrutura em Greimas são apoiadas em Ferdinand de Saussure no que tange à ideia de que “a significação ocorre através das diferenças percebidas e, não somente, das analogias observadas.” (Nestor et al., s/d, p. 4). Saussure é autor de uma entre as obras consideradas elementos primeiros nos estudos linguísticos, e sua obra máxima, o *Curso de Linguística Geral (CLG)*, foi lançada postumamente por Bally e Séchehaye em 1916, sendo composto por um compilado de anotações acerca de aulas ministradas pelo linguista na Universidade de Genebra entre os anos 1907 a 1911. Já no início do CLG, Saussure aponta as três fases sucessivas que compuseram a linguística, postulado aqui considerado essencial no que o levaria a definir o objeto de sua nova ciência³. A primeira fase aborda o que se chamava de “Gramática”, apontado pelo autor como um estudo que “visa unicamente a

³ Não apontaremos no interior deste texto a autoria primeira da linguística. Tomaremos Saussure como um dos precursores por razões de consulta a textos que assim o trataram, mesmo reconhecendo Ernst Cassirer e Wilhelm von Humboldt como autores que precederam o autor genebrino. Estas informações podem ser consultadas no prefácio de *Marxismo e Filosofia da linguagem* escrito, por Sheila Grilo (2018).

formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas.” (Saussure, 2012, p. 31)⁴. A segunda fase trata os estudos filológicos e aponta seu surgimento em 1977 por Friedrich August Wolf, com o objetivo de “fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições, etc, em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica.” (Saussure, 2012, p. 31). O terceiro período é marcado pela comparação entre gramáticas e recebe o nome de filologia comparativa, em que remete a Franz Bopp a ação de “esclarecer uma língua por meio de outra, explicar as formas duma pelas formas de outra, eis o que não fora ainda feito.” (Saussure, 2012, p. 32)

Ao passar por essas respectivas fases, o linguista genebrino postula o que constitui propriamente a matéria da linguística, explora quais seriam suas tarefas e, principalmente, a quem interessam as questões da nova ciência: a todos que tenham de manejar textos. Dada a matéria da linguística, o autor passa a descrever seu objeto, que é a língua, e não a linguagem.

Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada a seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica, e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. (Saussure, 2012, p. 41)

O autor, ao longo do tópico que versa sobre o objeto da linguística, explora aspectos importantes que serão retomados por Greimas na *SE*. Para Saussure, a língua é um sistema de signos que exprime ideias, comparável a outros sistemas de signos, mas que é de fato o principal desses sistemas. Como fim dessa discussão, há, por parte do autor, o vislumbre de uma disciplina que se ocupasse dos signos em geral, chamada semiologia.

Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social; ela constituiria uma parte da Psicologia social e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de Semiologia (do grego *sēmeion*, “signo”). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem. Como tal ciência não existe ainda, não se pode dizer o que será; ela tem direito, porém, à existência; seu lugar está determinado de antemão. (Saussure, 2012, p. 48)

Apontaremos, de maneira geral, as dicotomias propostas pelo autor de maneira a atingirmos de fato aquilo que objetivamos neste texto, que são os princípios do signo, já que “à linguística caberiam os sistemas de signos linguísticos, enquanto à semiologia caberiam os demais sistemas de signos.” (Mendes, 2011, p. 177). As dicotomias se referem às oposições existentes naquilo que a linguística comporta. A língua e a fala são as primeiras, tratadas como a parte social e independente do indivíduo e a parte individual, respectivamente. Sintagma e

⁴ A edição de 2012 mantém os escritos da edição de 1970 inalterados.

paradigma compõem a segunda dicotomia em uma relação cartesiana de associações devido à impossibilidade de se pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Sincronia e diacronia diferem entre relações lógicas e os estados de tempo da língua e, por fim, o aspecto de significado e significante, que são os formadores do signo linguístico.

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la material, é somente nesse sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (Saussure, 2012, p. 106)

A partir do postulado supracitado, chegamos àquilo que de fato indica o percurso que buscamos: os princípios do signo saussureano. O primeiro princípio é o da arbitrariedade. Um adendo deve ser realizado sobre a palavra *arbitrário* empregado pelo autor. Apesar de indicar um sentido bastante específico, entendemos que a arbitrariedade a que o autor se refere é a ideia de que o signo jamais terá um significado zero ou uma ausência de significado. Há o apontamento entre signos orgânicos e aqueles que são raros casos e ocorrências, a exemplo das onomatopeias. Aqui, o próprio autor se debruça sobre o termo *arbitrário* e o explica, “queremos dizer que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.” (Saussure, 2012, p. 109).

Por meio deste breve percurso destacado, é possível perceber a influência de Ferdinand de Saussure na *Semântica Estrutural* de A.J. Greimas. Em Saussure, o signo só existe por conta da significação, e a diferença entre os signos é que fazem os estudos da semiologia seguirem a partir destes pressupostos. Sigamos para outra influência a Greimas na *SE*.

SEMÂNTICA ESTRUTURAL: AS INFLUÊNCIAS DE LOUIS HJELMSLEV

Em um breve avanço no tempo, encontraremos o linguista dinamarquês Louis Hjelmslev (1899-1965), com vistas e relacioná-lo em dois polos: o primeiro como quem recebeu influências de Saussure e o segundo como quem também influenciou Greimas. No prefácio da edição brasileira de *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, escrito por Eduardo Peñuela Cañizal e Edward Lopes (1975), há uma clara menção às bases saussureanas ao apontar a Glossemática, teoria que descreve a língua como um conjunto de combinações possíveis, e abertamente alega que o autor era estudioso de filologia comparativa nas décadas de 1920 e 1930 aproximadamente. Entre outras explicações, destacam-se as seguintes:

A Glossemática, na medida em que a língua é concebida como uma combinatória, atribui, como acertadamente reconhece Oswald Ducrot, um valor central a certas propriedades formais das relações que constituem essa combinatória. Tal pressuposto levou Hjelmslev ao entendimento da língua como uma espécie de Álgebra, dentro da

qual contam, para a definição de estrutura, as relações formais entre os elementos e não a materialidade dos elementos relacionados. (Peñuela e Lopes, 1975, p. 8)

Porém, apesar de utilizar-se dos conceitos de Saussure, Hjelmslev cria alguns adendos em relação à teoria linguística do CLG. Há discordância no que se refere à arbitrariedade do signo, sendo que um modo mais apropriado de enxergá-lo seria como uma *unidade de configuração*. Hjelmslev está além da linguística da frase, e passa a conceber o sentido como substância semântica, mas não finaliza este postulado, apontando somente a sua possibilidade, indagando que essa “substância pode ser incluída no âmbito da Linguística como algo semioticamente formalizável.” (Peñuela e Lopes, 1975, p. 10).

Nesse instante, nasce precisamente a reivindicação de uma semântica estrutural, reivindicação essa que constitui um de seus mais notáveis ensaios “Pour une sémantique structurale”, de 1957. A esta altura do século pode-se aquilatar melhor da importância dos Prolegômenos, de Hjelmslev, quando o focalizamos, assim, na sua condição entre o pioneirismo genial de Saussure e o estruturalismo vanguardista de Greimas; os três formam como que uma tradição pautada em referências mútuas. (Peñuela e Lopes, 1975, p. 10)

O ponto em que a teoria de Hjelmslev vai de encontro a Saussure está no capítulo 13 dos *Prolegômenos*, em que o autor propõe a ruptura e passa a avançar em postulados referentes às teorias modernas da linguística. Grosso modo, o autor subverte a ideia de que um signo é a expressão de um conteúdo e passa a seguir a lógica de que um signo é um todo formado por expressão e conteúdo. Neste ponto, o autor adentra densamente a função semiótica, já que não há função semiótica sem esses dois fúntivos. Enxergamos aqui a necessidade de explicar a diferença entre função e fúntivo, em que, primariamente, uma é a dependência que preenche as condições de uma análise, e outro é o objeto que tem uma função em relacionamento a outros objetos. Por lógica e consequência, o signo em Hjelmslev é visto sob dois fúntivos, que são elementarmente o conteúdo e a expressão.

Além de apresentar este rompimento com o CLG saussureano, o autor dinamarquês apresenta a ideia de que a forma antecede a substância. Observemos o seguinte postulado.

[É] a forma que antecede a substância. Para tanto, o autor chama de sentido (ou matéria) o contínuo não analisável relativo tanto ao conteúdo quanto à expressão; noutros termos, o sentido do conteúdo corresponde à cadeia de pensamento e o sentido da expressão à cadeia fônica. A forma – tanto a do conteúdo, quanto a da expressão – , por sua vez, corresponde às distinções paradigmáticas, no que se refere ao sistema, e às distinções sintagmáticas, no que se refere ao processo. (Mendes, 2011, p. 181).

Ao expor as diferenças sintagmáticas e paradigmáticas do conteúdo, o autor caminha até a cadeia do conteúdo e dá origem à sua substância, mais especificamente aos conceitos. Aqui jaz um fator demasiado importante de sua teoria, que perfaz a ideia de que a forma do conteúdo é independente de seu sentido e, assim, torna a sua substância como resultante da própria forma. Sobre as diferenças paradigmáticas, podemos citar a diferenciação

entre as vogais nasais existentes no português e que não existem no espanhol, gerando o paradigma nasal vs não nasal. Os elementos sintagmáticos dizem respeito às regras de cada língua. Regras de tonicidade em diferentes línguas apontam maneiras de combinar seus elementos, e constituem suas formas de expressão. É por meio deste processo que se dá origem, por exemplo, aos sons da língua.

O principal afastamento entre os dois autores, porém, se dá no que diz respeito ao seu modelo de compreensão da língua. Para o primeiro, há um sistema de signos; para o segundo, há um sistema de figuras que, combinadas, dão origem aos signos. É aqui que apontaremos a intersecção entre a teoria hjelmsleviana e a greimasiana. Observemos.

Hjelmslev é decisivo para o estabelecimento das bases da semiótica greimasiana, já que essa toma para si, de um lado o par expressão/conteúdo e, de outro, o par forma/substância. O primeiro permite introduzir a função semiótica, ou seja, a maneira como se combinam o plano da expressão e o plano do conteúdo de forma incessante e mútua. O segundo par, forma/substância, permite testar e avaliar o que foi encontrado: é a partir da identidade entre forma do conteúdo e forma da expressão que se contribui para a objetivação da teoria. Outro ponto importante na obra de Hjelmslev caro à teoria semiótica é a exclusão em parte do signo. A teoria greimasiana, assim, não situa sua reflexão no nível do signo (constituído), mas nas partes do signo (constituintes). Ou seja, ao se analisar o plano da expressão e o plano de conteúdo de modo independente, a semiótica abriu para si o campo do discurso. Além disso, ao se substituir significado por plano do conteúdo e significante por plano da expressão, lançam-se bases para o estudo de textos num sentido amplo, ou seja, qualquer expressão (verbal, visual, tátil etc.) que veicule um conteúdo. (Mendes, 2011, p. 183)

Ao realizarmos os apontamentos que precederam Julien Algirdas Greimas e sua obra em análise, *Semântica Estrutural*, no que tange ao aspecto saussure-hjelmsleviano, entendemos que há um todo no texto greimasiano que faz uso desse contraste para construir o conceito de isotopia que, por sua vez, permitirá que adentremos a figuratividade em Denis Bertrand. *Semântica Estrutural* passa a ser nosso objeto de análise propriamente dito no tópico seguinte.

SEMÂNTICA ESTRUTURAL: CORPUS, TEXTO E ISOTOPIA

A obra *Semântica Estrutural* lança o autor Algirdas Julien Greimas, em 1966, para o que posteriormente será conhecido como semiótica greimasiana. É a partir do conceito de isotopia, situada mais ou menos na metade da obra, que o autor lança mão do que é de fato um conjunto de objetos semióticos e como *SE* não se limita nem aos signos nem à frase, quiçá ao texto. A preocupação maior do autor jazia no fato de que a palavra *corpus* até então não carregava sequer algum significado.

Para Greimas, na constituição de um corpus, não se trata de considerar um dado conjunto de textos sem qualquer relação entre eles. Conhecendo esse estado de coisas, Greimas vai estabelecer o que ele chama de “homogeneidade não linguística do

corpus” (p. 126), necessária à constituição de dados. O corpus não é uma simples justaposição de fragmentos independentes e díspares, sua constituição, segundo Greimas, deve obedecer a critérios de seleção bem definidos para constituir uma entidade “homogênea”. (Ablali, 2017, p. 89)

Notamos, ao passo que expusemos os postulados do autor lituano, que o termo *isotopia do discurso* é parte integrante e repetida do estudo da significação. Isso fica muito claro já no início do capítulo que versa acerca da isotopia, em que o autor alegadamente visa a procurar “condições estruturais do funcionamento do discurso” (Greimas, 1973, p. 93).

Para compreendermos de fato o que é a isotopia, que posteriormente nos dará espaço para compreendermos a figuratividade, devemos adentrar a lógica de que a homogeneização traz consigo traços formais constantes, e ao unificar um *corpus*, também encontra um universo semiótico que traz consigo um valor de significação, ou seja, um valor semântico, em que haverá de fato uma busca inicial por uma semântica científica, daí a necessidade de estruturalizar seus aspectos. Em Greimas, vale ressaltar, a mensagem de um texto é um signo, o que nos coloca de volta à análise de como se constitui um corpus, já que haverá reflexão semiótica ao constituí-lo.

Ao destacar a definição de *corpus* como “um conjunto de mensagens cuja constituição visa à descrição de um modelo linguístico” (Greimas, 1973, p. 187), o semioticista lituano lista que um corpus bem constituído deve ater-se a três condições: ser *representativo*, *exaustivo* e *homogêneo*.

De maneira geral, podemos definir os três conceitos da seguinte maneira:

1- A representatividade é a relação da parte (o discurso) com o todo (texto). O autor aponta que um texto de Baudelaire, de maneira geral, não nos faz conhecer o autor Baudelaire como um todo. Um corpus, assim, é apenas parcial em relação à totalidade da manifestação.

2- A exaustividade é dividida em duas fases, a depender inicialmente da representatividade em que se aponta um segmento do *corpus* considerado um modelo operacional e, na segunda fase, faz-se a sua verificação.

3- A homogeneidade é, nas palavras do autor, “um conjunto de condições não linguísticas, de um *parâmetro de situação* relativo às variações apreensíveis, quer ao nível dos locutores, quer ao nível do volume de comunicação.” (Greimas, 1973, p. 189). Isso significa que há a busca de aspectos estruturais que sejam inerentes a esses conjuntos, ou seja, que sejam homogêneos.

Aqui temos um dos pontos-chave que nos permitirão fazer a virada de chave no avançar desta análise. O corpus que abordamos até aqui ao descrever a *SE* transforma-se em texto, seguindo a lógica das isotopias que abordamos anteriormente. O texto, nesse sentido,

poderá ser entendido ao reter uma isotopia apenas, pois sua significação é constituída justamente pela situacionalidade nessa isotopia e a forma como atingem os limites do corpus.

O procedimento de transformação do corpus em texto se mostra sob dois aspectos complementares:

1- Um aspecto positivo, que reside na escolha da isotopia. Essa escolha, embora logicamente posterior à constituição do corpus, se situa, na verdade, no interior da práxis descritiva: se é verdade que a descrição exige transformação do corpus em texto, não é menos verdade que a escolha do corpus se faz quase sempre em função do texto que se procura descrever.

2- Um aspecto negativo, que consiste na eliminação dos elementos pertencentes a outras isotopias contidas no corpus. Essa necessidade parece tão evidente que mereceria apenas uma simples menção se a pedagogia do ensino literário não tivesse convertido “a explicação de texto” em instituição nacional. O “texto” a explicar só excepcionalmente corresponde a um corpus representativo, os modelos que aí se manifestam implicitamente não são quase nunca completos, e a explicação do texto se transforma inevitavelmente em um pretexto que dá lugar à explicitação dos elementos de significação situados em todas as isotopias do texto ao mesmo tempo. (Greimas, 1973, p. 190-191)

Ao abordar o texto, o autor clareia o processo de como se deve preparar um texto ao transformá-lo em *corpus* e exemplifica com o mito de Édipo. Ao ser analisado por Lévi-Strauss, foi realizada uma explicação das origens do homem, e a isotopia escolhida foi a de caráter etiológico (ramo do conhecimento que busca explicar as causas e origens de algo); porém, o mesmo mito pode ser analisado por outrem na lógica interpretativa dos elementos de uma interpretação social. Há que se pensar que a constituição do *corpus* requer uma espécie de recorte demasiado específico, sendo que este é elementarmente o isolamento da isotopia.

Ao prosseguir, o autor operacionaliza aquilo que será, posteriormente, uma de suas bases de sua semiótica. Ao descrever os inventários, indica o quão livre deve ser a manifestação da isotopia selecionada e que se reserve tempo em sua análise, pois este conjunto de atitudes constituiria a busca dos problemas relativos acerca do corpus selecionado. O autor analisa também os inventários individuais e coletivos, adentra o aspecto diacrônico e impõe a ideia de que “todo corpus diacrônico poderia ser descrito como uma construção hierárquica constituída de camadas estruturais sobrepostas, de baixo para cima, segundo sua maior ou menor permanência.” (Greimas, 1973, p. 196).

Assim, ao apontarmos a forma como Greimas discute a significação, a semiologia, as noções de texto e a forma de se delimitar um *corpus* na *SE*, avançaremos até Denis Bertrand e sua teoria aplicada aos textos literários.

A FIGURATIVIDADE DE DENIS BERTRAND

Caminhos da semiótica literária (2003) é uma obra que aproxima os conceitos básicos da semiótica aos textos literários. Decidimos analisar partes dessa obra justamente por ela apresentar uma composição daquilo que foi explicitado anteriormente: ela isola uma isotopia dos textos e nos permite o acesso à figuratividade, elemento que será explorado a partir de agora.

A figuratividade proposta por Bertrand tem por objetivo aproximar as figuras semânticas, como estruturas da significação, e as figuras do mundo, sendo essas a representação do mundo da linguagem. Aqui, há a ideia de que são as isotopias do texto literário que permitem ao leitor observarem, sentirem e viverem o que está escrito, sendo essa a principal característica da figuratividade.

A figuratividade não é mera ornamentação das coisas; é essa tela do parecer cuja virtude consiste em entreabrir, em deixar entrever, em razão de sua imperfeição ou por culpa dela, como que uma possibilidade de além-sentido. Os humores do sujeito reencontram, então, a imanência do sensível. (Bertrand, 2003, p. 158)

Para que a possibilidade do além-sentido seja alcançada, o autor define a relação entre o universo linguístico e o real, estreitando o quanto aquilo que é visto no mundo natural passa a manter uma relação entre o que está posto e aquilo que o nomeia, e é justamente este conjunto de inferências que constroem a significação. A partir do que chamou de “regime de veridicção”, entendemos que a realidade não é o único caminho do *corpus*, já que ao aceitar o jogo de significações, o leitor passa a explorar em que o texto faz crer e como, o que acaba por produzir possibilidades de “irrealidade” ou até mesmo de “surrealidade”.

Um nó fica comprovadamente atado quando o autor discorre sobre expressão e conteúdo, e para isso evoca dois autores a quem fizemos menção nesta cronologia: Saussure e Hjelmslev; o primeiro por apontar a dicotomia *significante/significado* e o segundo por fazer-se valer da ideia de *substância e forma*.

Figura 1: A forma e o conteúdo no esquema hjelmsleviano.

S	Plano da expressão	Substância da expressão
E		Forma da expressão
M	Plano do conteúdo	Forma do conteúdo
I		
O		
S		Substância do conteúdo
E		

Fonte: Bertrand, 2003, p. 163.

Ao amarrar essas ideias, conseguimos, por fim, trazer à tona o aspecto teórico-epistemológico e a cronologia que permeiam o caminho da significação, interpretação e

figurativização do texto (*corpus*). É a partir da dicotomia advinda de Hjelmslev que a *SE* assume seu devido espaço, que é o trabalho na descrição da forma do conteúdo. Aqui, o *semema* descrito por Greimas surge como uma combinatória de *semas*, sendo este o procedimento simplificado que se encontra na base da análise *sêmica*. O conteúdo surge, então, como a leitura do mundo sensível, atingida mediante decomposição do processo de leitura mediada e modelada pelo crivo cultural das formas figurativas. A redução em partes menores de significação é o elemento que faz a análise da figuratividade e construção do feixe de representações possíveis no *corpus*.

Após indicar as formas culturais de manifestação da figuratividade, o autor passa a empregar e descrever os elementos de semântica estrutural como maneira de organizar o plano de conteúdo e o plano da expressão. O autor, após destacar e descrever aspectos da *SE*, adentra o campo da isotopia do discurso que apontamos neste texto. Para a análise da figuratividade, entendemos que a isotopia se encarrega do desdobramento das categorias semânticas ao longo do discurso. Há uma diferenciação entre noções considerada muito importante ao retomar campo lexical, campo semântico e isotopia. Nesse sentido, o *campo lexical* designa as lexias que pertencem a um mesmo universo de experiência. O *campo semântico* se aproveita das unidades lexicais, mas impõe a ideia de que haja um processo de significação coerente a um universo de possibilidades significativas em determinado contexto. O exemplo dado por Bertrand é o campo semântico da “feminilidade” nas *Flores do Mal*, de Charles Baudelaire. A *isotopia*, por fim, é tratada da seguinte maneira pelo autor:

Apoiando-se de início na análise *sêmica*, a isotopia designa a iteração de *semas* ao longo de uma cadeia sintagmática, Essa iteração, que é a dos elementos de significação e não das palavras, das figuras e não dos signos, assegura a coesão semântica e a homogeneidade do discurso enunciado. (Bertrand, 2003, p. 186)

A isotopia, então, surge como um elemento garantidor da recorrência dos elementos semânticos de uma frase a outra e que consecutivamente será a garantia da continuidade figurativa e temática do texto. Essa isotopia apontada pelo autor é pautada em definições posteriores a Greimas, sendo consideradas mais flexíveis. Há menção a diferentes níveis de isotopias, com diferença entre isotopia *figurativa*, relacionada aos atores, tempo e espaço de uma narrativa, por exemplo, e as isotopias *temáticas*, que se estabelecem a partir da superfície temática. É na concepção das isotopias em Bertrand que conseguimos enxergar justamente o caminho que propusemos nesta escrita. Há um todo linguageiro que se remonta para que adentremos o caminho da figuratividade, e a *Semântica Estrutural* deixa um legado denso, e de tão denso percebemos que há ainda muito a se explorar, sendo a figuratividade um exemplo valoroso deste processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do caminho que percorremos, buscamos desde o início demonstrar o quanto há de caminhos a serem percorridos na compreensão da semiótica greimasiana. Apesar de levar o nome de *Semântica Estrutural*, a obra em questão trata do princípio dos estudos semióticos que seriam posteriormente retomados em *Sobre o sentido* (1975) e assim sucessivamente em algumas das demais obras do autor. Propusemos uma análise em um universo de muitos percursos até mesmo em Bertrand, já que optamos pelo recorte da figuratividade em uma obra tão vasta quanto *Caminhos da semiótica literária*.

Pensar que, no caso deste texto, um dos precursores dos estudos linguísticos, ainda que distante cronologicamente, tenha tido influência vital na construção teórica da significação é demasiado importante. Caminhar de Saussure a Hjelmslev, e depois de Greimas a Bertrand foi uma oportunidade de se compreender como se formaram os aspectos epistemológicos da linguística na concepção da semiologia, da semiótica e, por fim, da rigidez elaborada para os estudos semânticos.

O retorno às origens da Linguística moderna nos permitiu conhecer um aspecto pouco estudado, bem como refletir sobre a concepção de figuratividade atrelada às isotopias, ao texto e ao corpus, conforme a análise proposta. Esperamos com isso contribuir para possíveis leituras do *CLG*, dos *Prolegômenos*, da *SE* e, por fim, dos *Caminhos da semiótica literária*.

REFERÊNCIAS

- ABLALI, Driss. Corpus, texto e gênero em interação em *Semântica Estrutural*. **Estudos Semióticos**, São Paulo, Brasil, v. 13, n. 2, p. 88-95, 2017. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2015.103769. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/141611/136618>. Acesso em 5 ago. 2024.
- BEIVIDAS, Waldir. A teoria da linguagem de Hjelmslev: uma epistemologia imanente do conhecimento. **Estudos Semióticos**, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 1, p. 1–10, 2015. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2015.103769. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/103769>. Acesso em: 5 ago. 2024.
- BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.
- MENDES, Conrado Moreira. Da linguística estrutural à semiótica discursiva: um percurso teórico-epistemológico. **Raído**, v. 5, n. 9, p. 173–193, jun. 2011.
- GREIMAS, Algirdas Julien. - **Semântica Estrutural**. Pesquisa de método. São Paulo, Cultrix - USP, 1973.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução: J. Teixeira Coelho Netto. SP: Perpectiva, 1975.
- HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. Por que Greimas? **Estudos Semióticos**, São Paulo, Brasil, v. 14, n. 1, p. 12–21, 2018. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2018.144305.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/144305>. Acesso em: 5 ago. 2024.

MATTE, Ana Cristina Fricke.; LARA, Glaucia Muniz Proença. Um panorama da semiótica Greimasiana. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 53, n. 2, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2119>. Acesso em: 4 ago. 2024.

NESTOR, Paulo Henrique do Espírito Santo; MILANIA, Sebastião Elias **A formação da semântica estrutural de greimas**. Disponível em <http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/conpeex/mestrado/trabalhos-mestrado/mestrado-paulo-henrique.pdf>. Não publicado.

SANTANA SALLY, Daniele. **BERTRAND, Denis. Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003, 442p. Cadernos de Semiótica Aplicada, dez. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/549/470>>. Acesso em: 5 ago. 2024

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Editora Cultrix, 2012.

Louis Hjelmslev – **TEXTOS E CONTEXTOS: divulgação de pesquisas e de atividades relacionadas à língua portuguesa**. Disponível em: <<https://nilviapantaleoni.wordpress.com/tag/louis-hjelmslev/>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

VERSÃO INTEGRAL EM LÍNGUA INGLESA**From Structural Semantics to Figurativity: A Theoretical-
Epistemological Journey.***Nataniel dos Santos Gomes⁵**Adriano Braga Bressan⁶***INTRODUCTION**

A complex work in semantic and semiotic studies, Structural Semantics (SS) (Greimas, 1973) is the scientific contribution to signification. By addressing this issue, the author seeks, albeit reflexively and overly descriptively, to position Semantics in its proper place within language studies. However, although SS relates three descriptive categories (corpus, text, and genre), its complexity in conceptualizing, for example, seme, sememe, and classeme, allows the field of signification to be better understood by analyzing its trajectory, where it leads to semiotic studies and, finally, by allying itself with the field of figuration, in our case understood in the work *Paths of Literary Semiotics* (Bertrand, 2003). We perceive that SS assumes the character of positioning semantics as a science parallel to linguistics, but with its own methods and constitutive units.

In the trajectory outlined in this text, we will initially point out that SE did not become a finished work. The studies of meaning in SE paved the way for Semantics, which later made Semiotics the most pertinent approach, which in turn is characterized as under construction by some of Greimas's theoretical descendants. It is noteworthy that there was great difficulty in proposing the methods employed in SE, which was considered in some way a "science in search of itself" (Greimas, 1973, p. 13). Mentioning Bloomfield and Jakobson, he highlights the behavior of these authors in thinking that semantics was a science without any meaning, which caused strangeness and began to generate a kind of paradox in the development of the Lithuanian author's studies, who highlighted these behaviors as follows:

However, as Jakobson correctly observes when speaking of those who say "that questions of meaning have no meaning for them," when they say "meaningless," one of two things happens: either they know what they mean, and therefore the question of meaning gains meaning, or they do not know, and then their formula no longer has any meaning at all (Essais – pp. 38-9). (Greimas, 1973, p. 13).⁷

⁵PhD in Linguistics from the Federal University of Rio de Janeiro. E-mail: nataniel@uem.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6180920530799182>; Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3911-1552>.

⁶ PhD student in Literature at the Federal University of Mato Grosso do Sul. E-mail: adrianobressan@gmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1596429793425330>; orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-2701-4723>.

⁷ Traduzindo do Português do Inglês.

This conflict, which the author himself points out as uncomfortable, places him precisely in the position we mentioned at the beginning of this text: that of reflecting on the scientific study of meaning and, subsequently, describing the methods that would be compatible with this new science.

In turn, Denis Bertrand, when developing studies on figuration in the mid-2000s, despite the chronological distance, builds on what Greimas had launched even before his semiotic theory was complete. In his presentation, the author compares semiotic studies with those of figuration and solidly highlights their differences and similarities.

In semiotics, the concepts constructed for description were often borrowed from other disciplines. They were acclimated to their new domain, from which they received a specific definition, carefully localized and precisely interdefined within the overall theory. [...] This is also the case of isotopy, a concept borrowed from physics (which defines “elements that have the same number of protons but different atomic masses”), and which, in discursive semiotics, designates the permanence of a meaning throughout the chain of discourse. This is also the case with figurativity. (Bertrand, 2003, p. 154)⁸

Thus, when we point out the idea of contiguity between semiotics and figurativity, we can say that “we speak, then, of figurative thought”, of “figurative reasoning”, and the “depth” of the figurative is evoked, although this is situated on the surface of discursive structures, within the generative path of semiotics.” (Bertrand, p. 155). It is up to us to delve into the paths of signification and then understand the evolutionary definition in which figurativity finds its end.

STRUCTURAL SEMANTICS: THE INFLUENCES OF FERDINAND DE SAUSSURE

To begin the proposed path, we must begin with the section from Greimas's work, "The First Epistemological Choice," in which the author seeks to create a solid foundation for the procedures of his theory. Greimas, in terms that seem general, indicates an omnipresence of signification. That is, signification, which occupies an endless space in the search for the everyday meaning of things, should now be included in scientific practice, and for this, some epistemological assumptions should emerge.

We note that Greimas's notions of structure are supported by Ferdinand de Saussure's idea that "meaning occurs through perceived differences and not only through observed analogies" (Nestor et al., s/d, p. 4). Saussure is the author of one of the works considered to be early elements in linguistic studies, and his magnum opus, the Course in General Linguistics (CLG), was published posthumously by Bally and Séchehaye in 1916 and

⁸ Traduzindo do Português para o Inglês.

is composed of a compilation of notes from classes taught by the linguist at the University of Geneva between 1907 and 1911. At the beginning of the CLG, Saussure points out the three successive phases that composed linguistics, a postulate here considered essential in what would lead him to define the object of his new science⁹. The first phase addresses what was called "Grammar," which the author describes as a study that "aims solely to formulate rules for distinguishing correct from incorrect forms" (Saussure, 2012, p. 31). The second phase addresses philological studies and points to its emergence in 1777 by Friedrich August Wolf, with the aim of "fixing, interpreting, and commenting on texts; this first study leads it to also deal with literary history, customs, institutions, etc., everywhere using its own method, which is criticism." (Saussure, 2012, p. 31). The third period is marked by the comparison between grammars and is called comparative philology, in which it refers to Franz Bopp's action of "clarifying one language through another, explaining the forms of one by the forms of another—this is what had not yet been done." (Saussure, 2012, p. 32).

By moving through these respective phases, the Genevan linguist postulates what constitutes the subject matter of linguistics, explores its tasks, and, most importantly, who is interested in the questions of the new science: all those who must handle texts. Given the subject matter of linguistics, the author goes on to describe its object, which is language, not language.

But what is language? For us, it is not to be confused with language; it is only a determined, essential part of it, undoubtedly. It is, at the same time, a social product of the faculty of language and a set of necessary conventions adopted by the social body to allow the exercise of this faculty in individuals. Taken as a whole, language is multiform and heterogeneous; the rider of different domains, simultaneously physical, physiological, and psychic, it also belongs to the individual and the social domain; it cannot be classified into any category of human facts, for it is unclear how to infer its unity. Language, on the contrary, is a whole in itself and a principle of classification. (Saussure, 2012, p. 41)¹⁰

Throughout the topic of linguistics, the author explores important aspects that Greimas will revisit in the SE. For Saussure, language is a system of signs that expresses ideas, comparable to other sign systems, but in fact the most important of these systems. To conclude this discussion, the author envisions a discipline that would deal with signs in general, called semiology.

One can, then, conceive of a science that studies the life of signs within social life; it would constitute a part of social psychology and, consequently, of general psychology; we will call it semiology (from the Greek *sēmeion*, "sign"). It will teach us what signs consist of and what laws govern them. Since such a science does not

⁹ We will not identify the first author of linguistics in this text. We will consider Saussure as one of the precursors for the sake of consulting texts that treated him as such, even recognizing Ernst Cassirer and Wilhelm von Humboldt as authors who preceded the Genevan author. This information can be found in the preface to *Marxism and the Philosophy of Language*, written by Sheila Grilo (2018). Translated from Portuguese to English.

¹⁰ Translated from Portuguese to English.

yet exist, it is impossible to say what it will be; however, it has a right to exist; its place is determined in advance. (Saussure, 2012, p. 48)¹¹

We will generally outline the dichotomies proposed by the author in order to truly achieve our objective in this text, which is the principles of the sign, since "linguistics would be responsible for linguistic sign systems, while semiology would be responsible for other sign systems." (Mendes, 2011, p. 177). Dichotomies refer to the oppositions that exist within linguistics. Language and speech are the first, treated as the social and independent part of the individual and the individual part, respectively. Syntagm and paradigm comprise the second dichotomy in a Cartesian relationship of associations due to the impossibility of pronouncing two elements simultaneously. Synchrony and diachrony distinguish between logical relations and the temporal states of language and, finally, the aspect of meaning and signifier, which are the formative elements of the linguistic sign.

The linguistic sign unites not a thing and a word, but a concept and an acoustic image. This is not the material sound, a purely physical thing, but the psychic impression (empreinte) of that sound, the representation of it that our senses bear witness to; such an image is sensorial and, if we come to call it material, it is only in that sense, and in opposition to the other term of the association, the concept, which is generally more abstract. (Saussure, 2012, p. 106)¹²

From the aforementioned postulate, we arrive at what truly indicates the path we seek: the principles of the Saussurean sign. The first principle is that of arbitrariness. An addendum should be made regarding the word "arbitrary" used by the author. Although it indicates a very specific meaning, we understand that the arbitrariness to which the author refers is the idea that the sign will never have zero meaning or an absence of meaning. There is a distinction between organic signs and those that are rare cases and occurrences, such as onomatopoeia. Here, the author himself addresses the term "arbitrary" and explains it, "we mean that the signifier is unmotivated, that is, arbitrary in relation to the signified, with which it has no natural connection in reality." (Saussure, 2012, p. 109).

Through this brief overview, it is possible to perceive the influence of Ferdinand de Saussure on A.J. Greimas's Structural Semantics. In Saussure, the sign exists only because of its signification, and the difference between signs is what makes semiotic studies proceed from these assumptions. Let's move on to another influence on Greimas in SE.

¹¹ Translated from Portuguese to English.

¹² Translated from Portuguese to English.

STRUCTURAL SEMANTICS: THE INFLUENCES OF LOUIS HJELMSLEV

Briefly advancing in time, we encounter the Danish linguist Louis Hjelmslev (1899-1965), with a view to classifying him as one who was influenced by Saussure and the other who also influenced Greimas. In the preface to the Brazilian edition of "Prolegomena to a Theory of Language," written by Eduardo Peñuela Cañizal and Edward Lopes (1975), there is a clear reference to Saussure's foundations when he points to Glossematics, a theory that describes language as a set of possible combinations. He openly claims that the author was a scholar of comparative philology in the 1920s and 1930s. Among other explanations, the following stand out:

Glossematics, to the extent that language is conceived as a combinatory, attributes, as Oswald Ducrot rightly recognizes, a central value to certain formal properties of the relations that constitute this combinatory. This assumption led Hjelmslev to understand language as a kind of Algebra, within which, for the definition of structure, the formal relations between the elements and not the materiality of the related elements count. (Peñuela and Lopes, 1975, p. 8)¹³

However, despite using Saussure's concepts, Hjelmslev adds some additions to the CLG's linguistic theory. There is disagreement regarding the arbitrariness of the sign, and a more appropriate way of viewing it would be as a unit of configuration. Hjelmslev goes beyond the linguistics of the sentence and begins to conceive of meaning as a semantic substance, but does not finalize this postulate, only pointing out its possibility, arguing that this "substance can be included within the scope of Linguistics as something semiotically formalizable" (Peñuela and Lopes, 1975, p. 10).

At this moment, the demand for a structural semantics was born, a demand that constitutes one of his most notable essays, "Pour une sémantique structurale" (For a Structural Semantic), from 1957. At this point in the century, the importance of Hjelmslev's Prolegomena can be better appreciated when we focus on its position between the brilliant pioneering work of Saussure and the avant-garde structuralism of Greimas; the three form a tradition based on mutual references. (Peñuela and Lopes, 1975, p. 10)¹⁴

The point at which Hjelmslev's theory clashes with Saussure's is in chapter 13 of the Prolegomena, where the author proposes a break and begins to advance postulates related to modern linguistic theories. Broadly speaking, the author subverts the idea that a sign is the expression of content and begins to follow the logic that a sign is a whole formed by expression and content. At this point, the author delves deeply into the semiotic function, since there is no semiotic function without these two functives. We see here the need to explain the difference

¹³ Translated from Portuguese to English.

¹⁴ Translated from Portuguese to English.

between function and functive, where, primarily, one is the dependence that fulfills the conditions of an analysis, and the other is the object that has a function in relation to other objects. Logically and consequently, the sign in Hjelmslev is seen under two functives, which are, fundamentally, content and expression.

Besides presenting this break with Saussure's CLG, the Danish author presents the idea that form precedes substance. Let us observe the following postulate.

[It] is the form that precedes the substance. To this end, the author calls meaning (or matter) the unanalyzable continuum relating to both content and expression; in other words, the meaning of content corresponds to the chain of thought and the meaning of expression to the phonic chain. Form—both of content and of expression—in turn, corresponds to paradigmatic distinctions, with regard to the system, and to syntagmatic distinctions, with regard to the process. (Mendes, 2011, p. 181).¹⁵

By exposing the syntagmatic and paradigmatic differences of content, the author moves toward the chain of content and gives rise to its substance, more specifically, to concepts. Here lies a crucial factor in his theory, which establishes the idea that the form of content is independent of its meaning and, thus, renders its substance a result of the form itself. Regarding paradigmatic differences, we can cite the distinction between nasal vowels that exist in Portuguese and those that do not exist in Spanish, generating the nasal vs. non-nasal paradigm. Syntagmatic elements refer to the rules of each language. Stress rules in different languages indicate ways to combine their elements and constitute their forms of expression. It is through this process that, for example, the sounds of a language are created.

The main difference between the two authors, however, lies in their model of understanding language. For the former, there is a system of signs; for the latter, there is a system of figures that, combined, give rise to signs. This is where we will point out the intersection between Hjelmslev's and Greimas's theories. Let us observe.

Hjelmslev is crucial to establishing the foundations of Greimasian semiotics, as it takes on the expression/content pair, on the one hand, and the form/substance pair, on the other. The former allows for the introduction of the semiotic function, that is, the way in which the plane of expression and the plane of content are incessantly and mutually combined. The second pair, form/substance, allows for testing and evaluating what has been found: it is from the identity between the form of content and the form of expression that one contributes to the objectification of theory. Another important point in Hjelmslev's work, dear to semiotic theory, is the partial exclusion of the sign. Greimasian theory, therefore, does not situate its reflection at the level of the sign (constituted), but rather in the parts of the sign (constituents). That is, by analyzing the plane of expression and the plane of content independently, semiotics opened up the field of discourse. Furthermore, by replacing meaning with the content plane and signifier with the expression plane, the foundations are laid for the study of texts in a broad sense, that is, any expression (verbal, visual, tactile, etc.) that conveys content. (Mendes, 2011, p. 183)¹⁶

¹⁵ Translated from Portuguese to English.

¹⁶ Translated from Portuguese to English.

By making the notes that preceded Julien Algirdas Greimas and his work under analysis, Structural Semantics, regarding the Saussure-Hjelmslevian aspect, we understand that there is a whole in Greimas's text that uses this contrast to construct the concept of isotopy, which, in turn, will allow us to delve into figurativity in Denis Bertrand. Structural Semantics becomes our object of analysis in the following section.

STRUCTURAL SEMANTICS: CORPUS, TEXT, AND ISOTOPY

The work Structural Semantics launched the author Algirdas Julien Greimas, in 1966, into what would later be known as Greimasian semiotics. It is from the concept of isotopy, situated approximately midway through the work, that the author draws on what is in fact a set of semiotic objects and how SE is not limited to signs, sentences, or even texts. The author's greatest concern lay in the fact that the word corpus until then did not even carry any meaning.

For Greimas, the construction of a corpus is not about considering a given set of texts without any interconnection. Recognizing this state of affairs, Greimas establishes what he calls the "non-linguistic homogeneity of the corpus" (p. 126), necessary for the construction of data. The corpus is not a simple juxtaposition of independent and disparate fragments; its construction, according to Greimas, must obey well-defined selection criteria to constitute a "homogeneous" entity. (Ablali, 2017, p. 89)¹⁷

We noted, as we expounded the Lithuanian author's postulates, that the term "discourse isotopy" is an integral and repeated part of the study of meaning. This becomes very clear at the beginning of the chapter on isotopy, in which the author allegedly aims to seek "structural conditions for the functioning of discourse" (Greimas, 1973, p. 93).

To truly understand what isotopy is, which will later give us space to understand figurativity, we must delve into the logic that homogenization brings with it constant formal traits, and by unifying a corpus, it also encounters a semiotic universe that brings with it a value of signification, that is, a semantic value, in which there will indeed be an initial search for a scientific semantics, hence the need to structure its aspects. In Greimas, it is worth noting that the message of a text is a sign, which brings us back to the analysis of how a corpus is constituted, since semiotic reflection will be involved in its constitution.

Highlighting the definition of corpus as "a set of messages whose constitution aims to describe a linguistic model" (Greimas, 1973, p. 187), the Lithuanian semiotician lists that a well-constituted corpus must adhere to three conditions: being representative, exhaustive, and homogeneous.

In general, we can define the three concepts as follows:

¹⁷ Translated from Portuguese to English.

1- Representativeness is the relationship between the part (the discourse) and the whole (the text). The author points out that a text by Baudelaire, in general, does not allow us to know Baudelaire as a whole. A corpus, therefore, is only partial in relation to the entirety of the manifestation.

2- Exhaustiveness is divided into two phases, initially depending on representativeness, in which a segment of the corpus is identified as an operational model, and in the second phase, its verification.

3- Homogeneity is, in the author's words, "a set of non-linguistic conditions, a parameter of the situation relative to the apprehensible variations, whether at the level of the speakers or at the level of the volume of communication." (Greimas, 1973, p. 189). This means that there is a search for structural aspects that are inherent to these sets, that is, that are homogeneous.

Here we have one of the key points that will allow us to make a turning point in the progress of this analysis. The corpus we have covered so far when describing SEs becomes text, following the logic of isotopies we discussed previously. The text, in this sense, can be understood by retaining only one isotopy, as its meaning is constituted precisely by the situationality within this isotopy and the way in which it reaches the limits of the corpus.

The process of transforming a corpus into text presents two complementary aspects:

1. A positive aspect, which resides in the choice of isotopy. This choice, although logically subsequent to the constitution of the corpus, is actually situated within descriptive practice: while it is true that description requires the transformation of the corpus into text, it is no less true that the choice of corpus is almost always made based on the text one seeks to describe.

2. A negative aspect, which consists of the elimination of elements belonging to other isotopies contained in the corpus. This necessity seems so evident that it would merit only a brief mention if the pedagogy of literary education had not turned "text explanation" into a national institution. The "text" to be explained only exceptionally corresponds to a representative corpus; the models implicitly manifested therein are almost never complete, and the explanation of the text inevitably becomes a pretext that gives way to the explication of the elements of meaning located in all isotopies of the text simultaneously. (Greimas, 1973, p. 190-191)¹⁸

In addressing the text, the author clarifies the process of how to prepare a text when transforming it into a corpus and uses the Oedipus myth as an example. When analyzed by Lévi-Strauss, an explanation of human origins was provided, and the isotopy chosen was etiological in nature (a branch of knowledge that seeks to explain the causes and origins of something); however, the same myth can be analyzed by others within the interpretative logic

¹⁸ Translated from Portuguese to English.

of the elements of a social interpretation. It is important to consider that the constitution of the corpus requires a very specific cut, which is essentially the isolation of the isotopy.

Continuing, the author operationalizes what will later become one of the foundations of his semiotics. In describing the inventories, he indicates how freely the expression of the selected isotopy should be expressed and that time should be reserved for its analysis, as this set of attitudes would constitute the search for the relative problems surrounding the selected corpus. The author also analyzes individual and collective inventories, delves into the diachronic aspect and imposes the idea that “every diachronic corpus could be described as a hierarchical construction made up of overlapping structural layers, from bottom to top, according to their greater or lesser permanence.” (Greimas, 1973, p. 196).

Thus, by examining how Greimas discusses meaning, semiology, the notions of text, and how to delimit a corpus in SE, we will advance to Denis Bertrand and his theory applied to literary texts.

DENIS BERTRAND'S FIGURATIVITY

"Caminhos da semiótica literatura literatura" (2003) is a work that brings together the basic concepts of semiotics and literary texts. We decided to analyze parts of this work precisely because it presents a composition of what was previously explained: it isolates an isotopy of texts and allows us access to figurativity, an element that will be explored from now on.

Bertrand's figurative approach aims to bridge semantic figures, as structures of meaning, and figures of the world, the latter representing the world of language. Here, the idea is that it is the isotopies of the literary text that allow the reader to observe, feel, and experience what is written, this being the main characteristic of figurativeness.

Figurativeness is not a mere ornamentation of things; it is this screen of appearance whose virtue lies in opening, in allowing a glimpse, due to its imperfection or by its fault, as if a possibility of beyond-meaning. The subject's moods thus rediscover the immanence of the sensible. (Bertrand, 2003, p. 158)¹⁹

To achieve the possibility of beyond-meaning, the author defines the relationship between the linguistic universe and reality, narrowing the extent to which what is seen in the natural world begins to maintain a relationship between what is posited and what names it. It is precisely this set of inferences that constructs meaning. Based on what he called the "regime of veridiction," we understand that reality is not the only path of the corpus, since by accepting the play of meanings, the reader begins to explore what the text leads one to believe and how, which ultimately produces possibilities of "unreality" or even "surreality."

¹⁹ Translated from Portuguese to English.

A knot is demonstrably tied when the author discusses expression and content, and to this end he evokes two authors mentioned in this chronology: Saussure and Hjelmslev; the former for pointing out the signifier/signified dichotomy and the latter for using the idea of substance and form.

Figure 1: Form and content in Hjelmslev's scheme.

S		Substância da expressão
E	Plano da expressão	
M		Forma da expressão
I		
O		Forma do conteúdo
S	Plano do conteúdo	
E		Substância do conteúdo

Source: Bertrand, 2003, p. 163.

By tying these ideas together, we are finally able to bring to light the theoretical-epistemological aspect and the chronology that permeate the path of signification, interpretation, and figuration of the text (corpus). It is from Hjelmslev's dichotomy that SE assumes its rightful place, which is the work of describing the form of content. Here, the sememe described by Greimas emerges as a combinatory of semes, this being the simplified procedure that underlies semic analysis. Content, then, emerges as the reading of the sensible world, achieved through the decomposition of the mediated reading process and shaped by the cultural sieve of figurative forms. The reduction of meaning into smaller parts is the element that drives the analysis of figurativity and the construction of the bundle of possible representations in the corpus.

After indicating the cultural forms of figurative expression, the author begins to employ and describe the elements of structural semantics as a way to organize the content plane and the expression plane. After highlighting and describing aspects of SE, the author delves into the field of discourse isotopy, which we have discussed in this text. For the analysis of figurative expression, we understand that isotopy is responsible for the unfolding of semantic categories throughout discourse. There is a distinction between notions considered very important when revisiting lexical field, semantic field, and isotopy. In this sense, the lexical field designates the lexicons that belong to the same universe of experience. The semantic field utilizes lexical units but imposes the idea that there is a process of coherent signification to a universe of meaningful possibilities in a given context. The example given by Bertrand is the semantic field of "femininity" in Charles Baudelaire's *Fleurs du Mal*. Isotopy, finally, is addressed by the author as follows:

Based initially on semic analysis, isotopy designates the iteration of semes along a syntagmatic chain. This iteration, which involves elements of meaning rather than words, figures rather than signs, ensures semantic cohesion and the homogeneity of the enunciated discourse. (Bertrand, 2003, p. 186)²⁰

Isotopy, then, emerges as an element that guarantees the recurrence of semantic elements from one sentence to the next and, consequently, guarantees the figurative and thematic continuity of the text. This isotopy, as suggested by the author, is based on definitions subsequent to Greimas's and considered more flexible. Different levels of isotopy are mentioned, with a distinction between figurative isotopy, related to the actors, time, and space of a narrative, for example, and thematic isotopies, which are established based on the thematic surface. It is in Bertrand's conception of isotopies that we can see precisely the path we propose in this writing. There is a linguistic whole that reassembles itself so that we can enter the path of figuration, and Structural Semantics leaves a dense legacy, and because of its density, we realize that there is still much to explore, figuration being a valuable example of this process.

FINAL CONSIDERATIONS

Through this journey, we sought from the outset to demonstrate the many paths to be taken in understanding Greimas's semiotics. Despite being called Structural Semantics, the work in question addresses the principles of semiotic studies that would later be revisited in *On Meaning* (1975) and so on in some of the author's other works. We proposed an analysis within a universe of many paths, even in Bertrand, since we chose to focus on figurativity in a work as vast as *Paths of Literary Semiotics*.

The thought that, in the case of this text, one of the precursors of linguistic studies, albeit chronologically distant, had a vital influence on the theoretical construction of signification is incredibly significant. The journey from Saussure to Hjelmslev, and then from Greimas to Bertrand, provided an opportunity to understand how the epistemological aspects of linguistics were formed in the conception of semiology, semiotics, and, ultimately, the rigidity developed for semantic studies.

Returning to the origins of modern linguistics allowed us to understand a little-studied aspect, as well as to reflect on the concept of figurativity linked to isotopies, text, and corpus, according to the proposed analysis. We hope to contribute to possible readings of the CLG, the Prolegomena, the SE, and, finally, the *Paths of Literary Semiotics*.

²⁰ Translated from Portuguese to English.

REFERENCES

- ABLALI, Driss. Corpus, texto e gênero em interação em *Semântica Estrutural*. **Estudos Semióticos**, São Paulo, Brasil, v. 13, n. 2, p. 88-95, 2017. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2015.103769. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/141611/136618>. Acesso em 5 ago. 2024.
- BEIVIDAS, Waldir. A teoria da linguagem de Hjelmslev: uma epistemologia imanente do conhecimento. **Estudos Semióticos**, São Paulo, Brasil, v. 11, n. 1, p. 1–10, 2015. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2015.103769. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/103769>. Acesso em: 5 ago. 2024.
- BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.
- MENDES, Conrado Moreira. Da linguística estrutural à semiótica discursiva: um percurso teórico-epistemológico. **Raído**, v. 5, n. 9, p. 173–193, jun. 2011.
- GREIMAS, Algirdas Julien. - **Semântica Estrutural**. Pesquisa de método. São Paulo, Cultrix - USP, 1973.
- HJELMSLEV. Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução: J.Teixeira Coelho Netto. SP: Perpectiva, 1975.
- HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth. Por que Greimas? **Estudos Semióticos**, São Paulo, Brasil, v. 14, n. 1, p. 12–21, 2018. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2018.144305. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/144305>. Acesso em: 5 ago. 2024.
- MATTE, Ana Cristina Fricke.; LARA, Glaucia Muniz Proença. Um panorama da semiótica Greimasiana. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 53, n. 2, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2119>. Acesso em: 4 ago. 2024.
- NESTOR, Paulo Henrique do Espirito Santo; MILANIA, Sebastião Elias **A formação da semântica estrutural de greimas**. Disponível em <http://www.sbpnet.org.br/livro/63ra/conpeex/mestrado/trabalhos-mestrado/mestrado-paulo-henrique.pdf>. Não publicado.
- SANTANA SALLY, Daniele. **BERTRAND, Denis. Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003, 442p. Cadernos de Semiótica Aplicada, dez. 2007. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/549/470>>. Acesso em: 5 ago. 2024
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Editora Cultrix, 2012.
- Louis Hjelmslev – **TEXTOS E CONTEXTOS: divulgação de pesquisas e de atividades relacionadas à língua portuguesa**. Disponível em: <<https://nilviapantaleoni.wordpress.com/tag/louis-hjelmslev/>>. Acesso em: 6 ago. 2024.